

# TRABALHO, LAZER E O MODO DE VIDA NO CAMPO: REFLEXÕES SOBRE A SUSTENTABILIDADE DA CULTURA CAIPIRA EM GOIÁS

WORK, LEISURE AND LIFESTYLE IN COUNTRY LIFE: REFLECTIONS ON THE SUSTAINABILITY OF RUSTIC CULTURE IN GOIÁS

TRABAJO, OCIO Y ESTILO DE VIDA EN EL CAMPO: REFLEXIONES SOBRE LA SOSTENIBILIDAD DE LA CULTURA CAMPESINA EN GOIÁS

Josie Melissa Acelo Agricola - Universidade Federal de Goiás - Jataí - Goiás - Brasil  
josiemelissa@hotmail.com

Nestor Persio Alvim Agricola - Universidade Federal de Goiás - Jataí - Goiás - Brasil  
nestoralvim@hotmail.com

## Resumo

Este texto é uma reflexão sobre os saberes, as práticas, as técnicas e o modo de vida do caipira goiano, suas características particulares em relação ao modo de vida urbano. O objeto de análise é composto de dois elementos constituintes da vida do caipira: as formas de trabalho e as de lazer. A referência para a análise da vida cotidiana e das técnicas e saberes é basicamente de fundo antropológico, uma vez que nosso objeto se encontra inserido na cultura e, como tal, encontra forte componente local. O que se mostra claro é que esse modo de vida tem sofrido influência decisiva do processo de modernização do campo; por isso, a sustentabilidade cultural desse modo de vida e de suas tradições se revela fecundo tema de debate.

**Palavras-chave:** trabalho e lazer, cultura camponesa, sustentabilidade, tradição.

## Abstract

This text is a reflection on the knowledge, practices, techniques and lifestyle of Goiano peasants, and their peculiar features in relation to the urban lifestyle. The object of analysis is composed of two constituents of rustic life: their forms of both work and leisure. The theoretical foundations for the analysis of their everyday life, knowledge and techniques are basically anthropological, as our object is inserted in culture and, as such, it has a strong local component. The results have shown that this lifestyle has been under the decisive influence of the process of modernization of the countryside and, therefore, the cultural sustainability of this lifestyle and its traditions proves itself as a fruitful discussion topic.

**Key words:** work and leisure, peasant culture, sustainability, tradition.

## Resumen

Este texto es una reflexión sobre los saberes, las prácticas, las técnicas y el modo de vida del campesino en Goiás, y sus características particulares en relación con el estilo de vida urbano. El objeto de análisis es compuesto de dos elementos constitutivos de la vida rústica: formas de trabajo y ocio. La referencia para el análisis de la vida cotidiana y de las técnicas y saberes tiene básicamente un fundamento antropológico, ya que nuestro objeto se encuentra inserto en la cultura y, como tal, lleva un fuerte componente local. Lo que se vuelve claro es que este modo de vida ha sufrido la influencia decisiva del proceso de modernización del campo y por lo tanto la sostenibilidad cultural de este modo de vida y sus tradiciones resulta fecundo tema de debate.

**Palabras clave:** trabajo y ocio, cultura campesina, sostenibilidad, tradición.

## Introdução

As características sociais de um agrupamento humano são traçadas em razão de um conjunto de fatores difíceis de serem percebidos em sua totalidade. Entretanto, esses elementos de difícil percepção constituem, em sua complexidade ou simplicidade, o quadro referente ao modo de vida. A forma de colonização e a história, os valores que se estabelecem no decurso da vida social, as necessidades que se configuram em razão desse modo de vida, as relações sociais familiares, de vizinhança, de amizade, de trabalho, de lazer, os sentidos e significados que as práticas cotidianas adquirem, todos são elementos componentes do quadro de referência que orienta o modo de vida de um dado agrupamento social e que, por isso mesmo, se torna objeto fecundo de investigações no campo das ciências humanas e sociais.

O que ensaiamos aqui é uma reflexão sobre os saberes, as práticas, as técnicas, enfim o modo de vida do caipira goiano e sua sustentabilidade a partir de uma análise de dois elementos fundamentais do cotidiano: o trabalho e o lazer. O estudo do modo de vida das populações rurais de Goiás tem o sentido de revitalizar o debate e as discussões acadêmicas no que se refere à relação do homem com o meio em que vive, o espaço e o tempo das relações sociais de trabalho e lazer e as implicações desse modo de vida para a compreensão do homem como um todo, do homem em sociedade e das relações dele com o ambiente em que vive. A dinâmica das interações sociais se revela tão diversa quanto os conteúdos que compõem o modo de vida. Tanto os mecanismos de constituição quanto os elementos estruturais do modo de vida (os valores, os desejos e necessidades, as representações, as relações familiares e de sociabilidade etc.) apresentam uma dinâmica específica que define e orienta a identidade social.

O campo vem passando por um processo de modernização que incorpora fatores de um mundo em transformação, sobretudo das relações sociais e de produção que se configuram, de certo modo, numa maior aproximação com a moderna tecnologia. Isso se mostra problemático, uma vez que o trabalho, em seu conceito clássico marxiano, sofre a perda do sentido ontológico e de imanência, na medida em que se moderniza e se mecaniza, fragmenta-se. O lazer, também sujeito à mesma dinâmica de fragmentação, apresenta-se como uma dimensão privilegiada da esfera do consumo e alvo dos mecanismos sedutores da indústria do en-

tretenimento. Tudo isso é visto como parte de uma estrutura ideológica que molda o modo de vida moderno e tende a estandardizar os padrões enfraquecendo os traços de diferenças e rusticidades ainda presentes na sociedade atual. A modernização do modo de vida das populações rurais envolve tanto elementos exteriores ao homem quanto interiores. As transformações pelas quais passam os habitantes do campo e o seu modo de vida vêm progressivamente solapando um legado repleto de relações, comportamentos, valores, saberes, técnicas e atitudes que marcaram a cultura caipira desde as suas origens coloniais. Contudo, devemos considerar que esse processo de modernização, que de uma forma ou de outra abala as bases tradicionais da cultura, não é incomensurável e a forma de condução da vida das populações rústicas do campo se mostra, de certa forma, resistente em relação a essas transformações. Persiste ainda o caipira simples e seu acervo de práticas e técnicas desenvolvidas pelas necessidades vitais.

A comunidade acadêmica, de uma forma geral, tem se esforçado em indicar os elementos de transformação da sociedade contemporânea. A globalização das relações culturais, a reestruturação produtiva e a mundialização do capital, em suas diversas manifestações, são mostradas como grandes problemas do século, conforme revelam Ianni (1999); Ortiz (1994); Evangelista (1997); Antunes (1995); Frigotto (2006) e tantos outros. No entanto, os olhares, com esse viés, para o interior do Brasil e para o modo como isso vem afetando a condução da vida rural, do sertanejo economicamente desfavorecido, são bastante raros.

O “caipira”, termo que numa visão descuidada pode parecer pejorativo, mas que Antonio Candido (2001) definiu com grande habilidade como o habitante do campo, vem lenta e progressivamente perdendo as características que o definiram em tempos passados. Suas formas de produção e de trabalho, em certa medida próximas do modelo artesanal, vêm desaparecendo e dando lugar a formas modernas de produção e de técnicas e recursos tecnológicos. A agricultura de caráter familiar se torna alvo das políticas públicas atuais, com o objetivo de fixar o trabalhador rural. A moderna agricultura familiar que se revela prioridade política, no entanto, encontra-se vinculada à lógica produtiva e está pouco preocupada com a questão cultural. Ao caipira tradicional são impostos novos meios e novas técnicas de produção; produtos e técnicas tradicionais que marcaram a subsistência do caipira por décadas tendem a ser esquecidas.

O lazer do camponês que se apresenta coletivo, cooperativo e pleno em sua relação com o meio natural, manifestado nas festas na roça, nas comemorações religiosas, nas folias de Reis, nas pescarias, nas cantorias, nas pamonhadas, nas cavalgadas, vem se mostrando cada vez mais raro e isolado, revelando uma sensível alteração dos laços de sociabilidade e de interesses – traços da modernização e do afastamento do homem de suas raízes.

O que se pode esperar dessa dinâmica de transformação dos valores e do modo de vida sertanejo? O que será do tipo de vida que resistiu e se manteve no seio da sociedade brasileira até os dias atuais, com o qual todos nós temos alguma relação de proximidade ou de parentesco e que aprendemos a respeitar e valorizar? Como não sabemos se veremos ou não o fim do caipira tradicional, com seus hábitos peculiares e seu modo de vida rústico, o que nos cabe é estudar o assunto, registrar o maior número possível de informações a esse respeito e refletir sobre o seu modo de vida, especialmente na dimensão dos meios de produção e subsistência, antes de sua completa transformação.

Em que pesem os movimentos sociais e as reivindicações em defesa da redistribuição da terra e da produção agrícola familiar em pequena escala, o que se pode perceber em larga medida, na atualidade, é a tendência ao latifúndio; às grandes propriedades; à monocultura; à produção em larga escala, mecanizada, tecnologicada; isto é, percebe-se uma dinâmica em sentido contrário ao modo de vida caipira, simples, artesanal, de subsistência, harmonicamente integrado à preservação das condições naturais do meio ambiente e da própria vida. Do ponto de vista da cultura, as formas economicamente mais poderosas tendem a prevalecer ante os traços da cultura rústica e de subsistência, e o seu desaparecimento se torna uma questão de tempo. Assim, a preservação dessa cultura é o elemento motivador deste estudo e, por esse motivo, ele ganha sua relevância.

#### Dos elementos que compõem o sertanejo: do trabalho ao lazer

Desde que João Guimarães Rosa nos apresentou as detalhadas narrativas da saga de Riobaldo, em *Grande Sertão: veredas*, a cultura, os hábitos e o modo de vida do sertanejo vêm despertando o interesse de vários estudiosos, visto que esse é um tema fecundo de estudos. A problemática proposta neste texto, no entanto, encontra-se inserida em um contexto

de transformação que marca o mundo moderno da produção e da economia, bem como da cultura e do modo de vida. A sociedade brasileira vem sofrendo um processo de modernização de suas bases a um ritmo talvez inesperado. A queda das barreiras econômicas, industriais, culturais e espaciais, naturalmente designada por globalização, decreta um processo incomensurável de aculturação das organizações sociais menos poderosas do ponto de vista econômico em virtude de uma estandardização dos hábitos e costumes, sobretudo orientada pela esfera do consumo. Nesse sentido, podemos citar a tendência de constituição de uma única sociedade global (Ianni, 1999), com traços das sociedades economicamente dominantes.

Entretanto, não podemos deixar de considerar a existência de uma relação dialética entre o local e o global, entre o lugar e o mundo. Essa relação se expressa na interpenetração dos espaços compondo o local e o global e na mútua interferência entre essas duas instâncias do espaço. O global contém o local, mas o local também contém o global na medida em que o compõe e também o expressa. Conforme Santos (2002, p. 314), “os lugares, desse ponto de vista, podem ser vistos como um intermédio entre o mundo e o indivíduo [...] cada lugar é, à sua maneira, o mundo”. As especificidades locais são pensadas em extensões ou adições a um conjunto cultural global que adquire tal grau de riqueza que se revela único como dimensão do espaço. O autor também afirma que “cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais. A uma maior globalidade, corresponde uma maior individualidade” (p. 314).

Nesse contexto de interferência e influência mútua, ganha relevância a reflexão a respeito de como se dá o modo de vida, o trabalho, o lazer, os saberes, as práticas, as técnicas, bem como suas correlações, no meio rural goiano, perante as transformações e influências do mundo moderno marcado pelo grande capital e, ainda, como essas transformações têm afetado a sociabilidade e a manutenção do modo de vida das pessoas do campo. Entendemos que as estruturas identitárias do caipira se constituem numa dinâmica complexa que envolve todos os estratos da sociedade rural: ricos, pobres, proprietários de grandes ou de pequenas extensões de terras, sitiantes, colonos, agregados e moradores que se encontram em situação diferente dessas. Dessa forma, as relações sociais,

patronais, familiares, educacionais, festivas, de amizade e compadrio se dão nesse universo complexo de variabilidade do poder econômico.

Os elementos da vida do caipira propostos para esta reflexão (o trabalho, o lazer, os saberes, as práticas, as técnicas) ocorrem de uma forma que não podem ser compreendidos separados uns dos outros, nem do modo de vida e da cultura caipira como um todo, revelando uma realidade dinâmica entrelaçada aos aspectos da sua vida, bem como da vida dos diversos atores que compõem o campo, e ao mundo com que se relacionam.

### A vida cotidiana do caipira

A reflexão sobre a atividade laboral e de lazer do sertanejo perpassa um tema clássico da Antropologia Social abordado por Mauss (2003), que são as técnicas corporais relativas ao trabalho e aos modos de produção das condições de sobrevivência e relativas às atividades de lazer e seus significados simbólicos. As técnicas de trabalho manual são eivadas de significados próprios específicos de cada prática e de cada região em que são utilizadas, mais ou menos ligadas a aspectos lúdicos e cooperativos, e as variações dessas técnicas de região a região, ou de agrupamentos sociais, se devem em parte a elementos ritualísticos que envolvem certos fazeres cotidianos. Os simbolismos que acompanham determinados fazeres têm suas raízes na tradição que se estabeleceu e que, muitas vezes, revela-se racional e eficaz, em virtude de experimentações realizadas por tentativa e erro, de tempos em tempos, como a indicação de uma determinada fase da lua para o plantio, a colheita e até a retirada de certos produtos da natureza.

Como se vê, esses elementos ritualísticos da vida e do trabalho do caipira não são fruto de um imaginário descabido e irracional, eles estão ancorados em experiências tradicionais eficientes para determinadas atividades de subsistência. O ritualismo está presente em grande parte das atividades cotidianas configurando um universo de significações diverso e riquíssimo no que se refere a aspectos identitários; ao mesmo tempo, fornece uma marca à cultura caipira. Vale destacar que as festas de folia de Reis; o comportamento ao lidar com animais perigosos como cobras; o ato de benzer o pasto; o de cavar uma cisterna para obter água e o simples hábito de pedir licença a espíritos guardiões ao entrar na mata são elementos que configuram esse universo místico ritual do sertanejo.

A vida camponesa é significativamente diferenciada da vida urbana em certos aspectos claros e visíveis e em outros não tão visíveis assim. A organização espacial das propriedades rurais, que nem sempre se localizam próximas a centros comerciais e urbanos, leva esse habitante a adquirir hábitos e a desenvolver práticas que, de certa forma, suprem as necessidades básicas que se configuram em valiosa alternativa à carência econômica e de produtos de consumo a que se encontra submetido o caipira. De fato, há uma diversidade de hábitos e técnicas alternativas à questão material econômica que, no seu conjunto, configuram elementos da cultura e do modo de vida, e de forma alguma podem ser compreendidos afastados do meio espacial e temporal em que são utilizados. Assim, entendemos que o caipira goiano tem hábitos e práticas que são comuns, desenvolvidos em virtude da superação das dificuldades encontradas no meio físico, econômico e social. Entretanto, a vida do caipira goiano revela particularidades em relação aos camponeses de outras regiões ou estados. Essas particulares se mostram tanto nas práticas cotidianas – referentes ao trabalho, à condução da vida, à produção dos meios de subsistência, às atividades orientadas para o tempo livre e para o lazer – quanto nos significados que tais práticas adquirem a partir da sua organização, das relações sociais e da cultura local. Sabe-se que o caipira desenvolveu técnicas diferentes de subsistência em diferentes partes do país, que variam em razão de diversos fatores, tais como o clima, a hidrografia, o relevo, o tipo de solo, as estações do ano, o regime de águas, entre outros, todos configurando práticas e hábitos que, com o tempo, adquirem significado e ritualizações.

Quanto ao trabalho, predomina a forma de trabalho manual caracterizado pela produção artesanal de certos produtos de consumo, pela coleta de produtos disponíveis e pela cooperação em atividades que demandam uma maior quantidade de mão de obra. O caipira encontra-se em situação de trabalho quase o dia todo, porém com um ritmo diferente, talvez menos intenso do que o trabalho industrial, comercial ou urbano, pois “o tempo de trabalho é medido agora de duas maneiras, segundo sua extensão, sua duração, e segundo seu grau de condensação, sua intensidade” (Marx, 1971b, p. 467). As horas de trabalho se estendem enquanto há clareza natural. Mesmo aqueles que são trabalhadores assalariados em fazendas como vaqueiros, retireiros ou operadores de máquinas agrícolas, ao fim da jornada regular, retornam para casa e continuam a re-

alizar as suas atividades laborativas, atendendo, assim, às necessidades de casa. As mulheres e até as crianças a partir de certa idade têm suas obrigações definidas pela organização e pelas necessidades familiares. Sem a menor dúvida, o trabalho é a dimensão mais importante da vida do caipira e revela-se verdadeiramente uma condição ontológica do homem.

Enquanto, nos moldes industriais, o trabalhador não se reconhece como produtor de dado produto e a quantidade de trabalho realizado relativo à mais valia não se deixa perceber de imediato, no campo a relação entre o trabalho e o seu produto, como resultado final, é mais direta e evidente, levando o camponês a ter uma noção clara de que sua sobrevivência depende da quantidade e da qualidade de seu trabalho. A relação que se estabelece entre trabalhador e produto é diferente daquela do trabalho fabril. Valor de uso e valor de troca parecem apresentar uma correspondência muito mais real efetivando-se muitas vezes na prática quando existe a troca de mercadorias produzidas pelo trabalho artesanal familiar. Essas noções de valor de uso e de troca se desenvolvem no sertanejo de uma forma quase natural, muito menos contaminada pelos mecanismos da produção industrial que tendem à super/sobrevalorização de um pelo outro. Em consequência, o trabalho socialmente necessário é realmente o único a determinar um valor na cultura sertaneja.

Em relação ao lazer, inicialmente, devemos entendê-lo como um “fenômeno que envolve não só a alegria do lúdico, a fruição, a fantasia, o prazer estético e a experiência criativa, mas, também, a satisfação imediata, a utilidade prática, o lucro e a alienação” (Mascarenhas, 2005, p. 141). Nesse sentido, as manifestações de lazer na sociedade contemporânea estão inseridas na mesma dinâmica econômica que orienta as relações sociais do mundo da produção nos moldes industriais capitalistas. Entretanto, o lazer é, ao mesmo tempo, definidor das relações sociais de vizinhança, amizade, unidade, identidade e reconhecimento inerentes a uma dinâmica cultural, sobretudo numa perspectiva simbólica de exercício de sociabilidade local. Ele apresenta um potencial sociabilizador na medida em que se realiza coletivamente numa dinâmica, pelo menos de forma intencional, diferente da produção e do trabalho. A relação entre o trabalho e o lazer caracterizada pela polaridade dessas duas esferas cotidianas da vida, no campo não se apresenta tão polarizada assim. As manifestações de lazer circulam pela rotina do caipira entrelaçadas ao trabalho de tal maneira que sua percepção se torna difícil em alguns ca-



sos. De fato, para o sertanejo, a definição do limite entre o que é trabalho e o que é lazer não está totalmente marcada, conferindo um sentido efetivo de complementaridade entre ambos, diferentemente da noção corrente.

Quando dissemos que o caipira se encontra em situação de trabalho quase o dia todo, é preciso deixar claro que não nos referimos a uma oposição marcante entre tempo de trabalho e tempo de lazer. Em muitos casos, essas duas dimensões da vida sertaneja encontram-se de tal forma diluídas em seu cotidiano que se torna difícil defini-las com precisão. Um sujeito, ao colher mangas no quintal de casa, não tem sua atividade classificada de antemão. Essa classificação só é possível por critérios funcionais diretamente ligados à noção de economia e comércio, isto é, só quando se define o que ele irá fazer com as mangas. Da mesma forma, um sujeito que vai ao córrego pescar alguns peixes para complementar sua dieta, “buscar a mistura”, não pode sofrer uma classificação objetiva de sua atividade, visto que ela tanto pode se enquadrar como trabalho quanto lazer. Além dessas, existem diversas outras situações, no cotidiano do caipira, que não podem ser classificadas de forma exata como trabalho ou como lazer, sem que haja uma compreensão semiótica inserida no contexto de sua cultura. A questão simbólica revela-se então fundamental para esta reflexão, visto que os fazeres só podem ser compreendidos no contexto cultural, social, espacial e temporal em que ocorrem. A funcionalidade da tarefa não pode ser sua única referência, as significações simbólicas que envolvem os fazeres cotidianos vão situá-los no quadro de valores da vida de qualquer agrupamento social.

As três narrativas seguintes, de dois trabalhadores distintos, exemplificam como são as técnicas do trabalho rural caracterizado pela produção de produtos de consumo destinados tanto ao consumo quanto ao comércio rudimentar:

Para fazer o polvilho é assim: você colhe a mandioca, descasca e passa no triturador. Depois, você pega aquela massa, coloca em cima de um pano, um lençol, em cima de um tambor. Aí você vai lavar aquela massa de mandioca, vai jogando água e mexendo com a mão e aparando no tambor a água que joga. Quando a água que escorre começar a perder o branco, você tira aquela massa e coloca outra no pano. Você pode espremer também a massa torcendo o pano porque ajuda a escorrer a água branca. Depois que você fez isso com toda a massa, você deixa aquela água descansar até assentar no fundo a parte branca. Aí você escorre com cuidado a água que tá por cima, tira as tamancas de massa branca e lava de novo com uma

nova água esfregando em cima do pano, pra passar bastante massa. Deixa descansar pra assentar no fundo de novo e escorre outra vez. Aí você tira as tamancas e põe pra secar e tá pronto o polvilho doce. (Sebastião Oscar Gonçalves, trabalhador rural da região do Vale do Meia Ponte, 59 anos)

O açafirão é assim: colhe a planta arrancando ela pelo talo. Quando você puxa sai a batatinha. Aí você tira as batatinhas e lava bem e com a faca tira a polpa de fora da batatinha, como se fosse a casca. Coloca aquela casca pra secar no sol pra ficar bem seca mesmo. Aí passa no triturador com peneira bem fina e tá pronto o açafirão. (Sebastião Oscar Gonçalves, trabalhador rural da região do Vale do Meia Ponte, 59 anos)

O fumo tem um segredo: quando você planta o fumo, você tem que consorciar com o milho, porque é do talo do milho que faz o estaleiro pra secar a folha de fumo. Quando você colhe o fumo, tem que colocar a folha pra secar. Pra não perder o gosto e o cheiro do fumo tem que pôr pra secar no estaleiro de talo de milho. Você corta o talo do milho e amarra um pertinho do outro, deixando menos de um dedo de distância. Aí você faz o estaleiro de talo de milho que já dá uma sombra boa. Aí você vem com as folhas de fumo prendendo o pé da folha entre os talos de milho. O fumo seca na sombra do estaleiro de milho. Depois de seco você coloca as folhas no paiol e molha com a solução de água com melaço pra amaciar a folha. Depois de uns dias a gente enrola as folhas e vai encoxando. Encochar é arrochar a corda de fumo pra ela ficar bem compacta. A cada dois dias você encoxa mais um pouso até ficar bom. Aí é só enrolar a corda de fumo no toco de madeira. (Ronilton de Oliveira, trabalhador rural da região do Vale do Meia Ponte, 45 anos)

Essas narrativas foram registradas durante o trabalho de campo de Agrícola (2008), sobre a produção e o gerenciamento de resíduos sólidos em lavouras de soja no sul de Goiás. Naquela ocasião, ocorreram vários contatos com moradores do campo que relatavam fatos do cotidiano; isso nos instigava ao debate acerca do desaparecimento gradual dos saberes, das práticas e dos hábitos de vida tradicionais do sertanejo que ocupavam lugar seminal na condução de suas atividades de trabalho e de lazer.

Assim como essas narrativas mostradas, há uma série de outras técnicas de trabalho rural destinadas à produção de subsistência e ao comércio rudimentar que permeiam o conhecimento e o modo de vida sertanejo. Na leitura dessas narrativas, podemos destacar o fato de que, embora estejam se referindo às atividades de trabalho, são contadas com tanto entusiasmo que se fundem com a diversão. Como muitas outras expressões

dessa natureza, o conhecimento das técnicas manuais de produção tem uma narrativa tanto agradável quanto lúdica, o que nos leva a compreender que tais atividades têm um caráter também lúdico e ritual; por isso, elas se entrelaçam ao lazer.

As narrativas de construção de armadilhas destinadas à captura de animais silvestres e coleta de mel também são ricas em aspectos lúdicos, embora, ao que parece, sejam atividades bastante árduas. Essa atividade da cultura caipira, mais do que outras, tende a desaparecer, por razões ambientais, legais e culturais, visto que a caça de animais silvestres é uma prática ilegal. A ilegalidade da caça motivada por questões de preservação ambiental e das espécies vai causar o desaparecimento de técnicas e conhecimentos extremamente raros que constituem o legado tradicional da cultura caipira. O mundéu, as arapucas, o lacinho e a espera são técnicas de surpreendente engenhosidade que marcam a relação de subsistência e de sobrevivência do caipira com a natureza. Nesse caso, a questão se apresenta dialética, pois, se de um lado a manutenção de tais práticas ameaça a preservação de espécies animais silvestres, por outro, o fim dessas práticas estabelece o desaparecimento de tais conhecimentos e técnicas, o que caracteriza uma agressão à cultura e ao modo de vida sertanejo.

Não há dúvidas de que essas técnicas estão desaparecendo e arrastando consigo um modo de vida que se tornou rico pela capacidade de autossustentação, ou seja, as técnicas desenvolvidas pelo caipira, muitas vezes por tentativa e erro, para suprir as suas necessidades – técnicas essas que configuram um acervo riquíssimo de conhecimentos – estão sendo esquecidas em virtude da modernização dos meios de produção e consequentemente da vida caipira. Entre outras consequências, podemos dizer que, com o aparato tecnológico moderno, o sertanejo pode se desfazer desses saberes técnicos tradicionais, contudo, fará isso estabelecendo uma dependência quase absoluta do aparato tecnológico. Com essa dependência, ele tende a perder as alternativas de subsistência e o seu modo de vida se mostra ameaçado. Tomemos como exemplo um camponês retireiro (aquele que trabalha na ordenha de gado) que possui algumas vacas leiteiras e uma pequena área de pastagem. Depois de ordenhar as vacas, ele espera a passagem do transporte que leva o leite para o beneficiamento. Se esse transporte falhava no passado, por motivos diversos, esse camponês utilizava alternativas para não perder a produção, como fazer o queijo ou o doce de leite. São alternativas que necessitam, no entanto, de um conhe-

cimento técnico específico tradicional. Com a modernização e legalização desse transporte, o caipira perde seu conhecimento de técnicas alternativas e se torna absolutamente refém desse aparato moderno. Na ocorrência de sua falha, sem o conhecimento tradicional que o habilitou no passado a contornar a ausência de aparatos tecnológicos, não há o que fazer, a não ser olhar a sua produção de leite se perder. Portanto, a dependência da modernização dos meios de produção que se vem criando altera o modo de vida tradicional e decreta o desaparecimento de formas de trabalho riquíssimas em alternativas próprias do saber tradicional. Fica claro, para nós, que a sustentabilidade da vida do caipira se mostra ameaçada.

### Considerações finais: uma referência para a reflexão sobre a temática

A matriz de pensamento para a reflexão sobre o modo de vida rural e sobre essa cultura não pode se resumir ao economicismo, mas deve ser a mesma das reflexões atuais que se referem à sustentabilidade ambiental, ecológica e social do campo. As mudanças trazidas pelos mecanismos de modernização do trabalho, da agricultura, da produção no campo têm gerado uma condição irreversível para o modo de vida caipira, processo este já identificado há mais de 60 anos por Candido (2001) que dizia: “Processo que repercute fundo em toda a organização da vida social, com rupturas de equilíbrio que podemos verificar nos planos ecológico, econômico, cultural, social e psíquico” (p. 205). Assim, os conceitos de sustentabilidade, tão amplamente discutidos e aplicados no contexto do debate político moderno, devem aqui ser ampliados para uma compreensão de seu caráter humano, isto é, da sustentabilidade da tradição e do modo de vida rural. Outros estudiosos da temática da sustentabilidade já sinalizaram para essa amplitude de abordagens. Theodoro (2002) defende as múltiplas dimensões para o desenvolvimento sustentável, o social, espacial, ecológico, político, institucional, econômico e cultural, integrados como vasos comunicantes de um sistema. Sachs (2004) afirma que essa amplitude do conceito de desenvolvimento sustentável permite uma maior abrangência e oferece várias possibilidades de desenho e redesenho em busca de ações em nível local e global, a fim de proporcionar, de alguma forma, um desenvolvimento inclusivo.

Também o processo de desaparecimento de elementos de uma dada cultura em favor do mecanismo de modernização do campo já foi denunciado em textos recentes. Chaveiro; Silva; Lima (2011), ao falar da relação

do povo indígena Tapuia com o cerrado goiano, expõe em parte esses saberes e essas técnicas que permeiam a cultura caipira e afirma que, para o povo Tapuia, são esses saberes que dão “ao cerrado o caráter nobre de qualificar o conteúdo de sua vida” (p. 40).

O uso de rabo de tatu, sucupira, cabeça de nego, buchinha, velame branco, barbatimão e outras espécies acaba sendo limitado pela redução das terras, levando-os a mudarem suas tradições e colocando-os na dependência dos medicamentos vendidos em farmácias, o que os obriga a ter que entrar diretamente na operação mercantil e financeira. (Chaveiro; Silva; Lima, 2011, p. 41)

A vida do sertanejo já foi descrita como uma vida preguiçosa, ao ritmo da natureza, isso porque essa vida sempre foi permeada por práticas não tão diretamente ligadas ao processo produtivo, mas muito mais voltadas ao lazer, como as comemorações, as atividades religiosas, a caça, a pesca, a coleta, as práticas de solidariedade vicinal etc. Esse modo de vida a um ritmo mais lento já foi considerado, no passado, um recurso de adaptação a um nível biótico precário, na qual as carências da dieta impediam uma atividade mais intensa. O ajustamento ao ritmo econômico mais geral se deu por outras vias como, por exemplo, a organização cooperativa do trabalho, não alterando, assim, o ritmo de vida tradicional do caipira com poucos recursos econômicos. Hoje a dimensão econômica da vida tende a prevalecer sobre qualquer tradição estabelecida e as pressões do mundo econômico não apenas forçam o camponês a multiplicar os esforços de produção, mas decretam o fim das formas originais, alternativas e até coletivas de organização do trabalho, interferindo nas possibilidades de uma sociabilização mais ativa de uma cultura harmônica.

Entregue cada vez mais a si mesmo, o trabalhador é projetado do âmbito comunitário para a esfera de influência da economia regional, individualizando-se. Condição de eficácia, e, portanto, sobrevivência, é a renúncia aos padrões anteriores e a aceitação plena do trabalho integral, isto é, trabalho com exclusão das atividades outrora florescentes e necessárias à integração adequada. Quem não faz assim deve abandonar o campo pela cidade, ou mergulhar nas etapas mais acentuadas de desorganização, que conduzem à anomia. (Candido, 2001, p. 213)

A substituição dos saberes e das práticas consolidadas se dá, nesse caso, por um processo controverso que acaba por colocar em risco a própria noção de identidade que marca a cultura caipira; isso nos remete a

um ponto de vista defendido na comunidade acadêmica e que expressa com clareza a situação aqui exposta: o valor do caráter local do saber (Geertz, 1997). Os efeitos desse movimento, que interferem tanto nas dimensões psicológicas quanto sociais do caipira, são irreversíveis e determinam a falência de sua cultura tradicional. Estamos, enfim, diante da necessidade de refletirmos sobre a sustentabilidade da cultura, isto é, a sustentabilidade cultural ligada às tradições constituídas pelos habitantes do campo que, aos poucos, se veem distanciados de um acervo de saberes que os caracterizaram no passado e que moldaram a sua identidade.

### Referências

- AGRICOLA, J. M. A. *Resíduos sólidos gerados por lavouras de soja no município de Pontalina/GO: desenvolvimento rural e sustentabilidade*. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente) – UniEvangélica, Anápolis/GO, 2008.
- ANTUNES, R. *Adeus ao trabalho?* (Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho). Campinas/SP: Cortez/Ed. UNICAMP, 1995.
- CANDIDO, A. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. São Paulo: Editora 34, 2001.
- CHAVEIRO, E. F.; SILVA, L. G.; LIMA, S. C. O cerrado na perspectiva dos povos indígenas de Goiás: a arte de vida do povo Tapuia do Carretão/GO. *Revista da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência: Ciência e Cultura – temas e tendências: Cerrado*, ano 63, n. 3, jul./ago./set. Campinas: Instituto UNIEMP, 2011.
- EVANGELISTA, E. G. S. *Educação e mundialização*. Goiânia: Ed. UFG, 1997.
- FRIGOTTO, G. *Educação e crise do capitalismo real*. 8. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2006.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GEERTZ, C. *O saber local*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.
- IANNI, O. *A sociedade global*. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- MARX, K. *O capital*. Crítica da economia política. v. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971a.
- MARX, K. *O capital*. Crítica da economia política. v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971b.
- MASCARENHAS, Â. C. B. *O trabalho e a identidade política da classe trabalhadora*. Goiânia: Alternativa, 2002.
- MASCARENHAS, F. *Entre o ócio e o negócio: testes acerca da anatomia do lazer*. Tese (Doutorado em Educação Física) – Unicamp, Campinas, São Paulo, 2005.
- MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- ORTIZ, R. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SACHS, I. *Desenvolvimento includente, sustentável, sustentado*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SANTOS, M. *A natureza do espaço*. São Paulo: Ed. USP, 2002.

THEODORO, H. S. Cerrado: o celeiro saqueado. In: DUARTE, L. M. G.; THEODORO, S. H. *Dilemas do cerrado: entre o ecologicamente (in)correto e o socialmente (in) justo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

---

Josie Melissa Acelo Agrícola - Possui Graduação em Administração de Empresas pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas de Goiatuba e Mestrado em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente pelo Centro Universitário de Anápolis. Atualmente é Administradora da Universidade Federal de Goiás e professora efetiva na Universidade Estadual de Goiás.

---

---

Nestor Persio Alvim Agrícola - Possui Graduação em Educação Física pela Universidade Federal de Juiz de Fora e Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Goiás. Atualmente é professor da Universidade Federal de Goiás.

---

Recebido para publicação em 29 de novembro de 2013

Aceito para publicação em 2 de fevereiro de 2014